



O PAPEL DO PIRRONISMO EM *PENSÉES*, DE PASCAL

THE ROLE OF THE PYRRONISM IN *PENSÉES*, OF THE PASCAL

Joelson Pereira de Sousa

SOUSA, Joelson Pereira de. O papel do perronismo em *Pensées*, de Pascal. *Revista Mosaicum*, Teixeira de Freitas, Jan./Jul. n. 7, p. 47-58, 2008.

**Resumo:**

Este artigo discute a posição de Pascal quanto ao pirronismo nas filosofias de Descartes e Montaigne, ao mesmo tempo em que esboça uma compreensão pascaliana acerca do tema, especialmente tratando a questão da “razão cética”. Mostra que a discussão se encontra em articulação com duas problemáticas clássicas da filosofia moderna: o problema do conhecimento da verdade e o debate antropológico da condição humana.

**Palavras-chave:** pirronismo, Descartes, Montaigne.

**Abstract:**

This article argues the position of Pascal respecting the pyrrohonism in the philosophies of Descartes and Montaigne at the same time in that it sketches a Pascal's understanding concerning the theme, especially treating the question to the “skeptical reason”. Show that the quarrel is in joint with two classics problematics of the modern philosophy: the problem of the knowledge of the truth and the anthropologic debate of the condition human being.

**Keywords:** pyrrohonism, Descartes, Montaigne.

## Introdução

O pensamento de Blaise Pascal (1623-1662) é profundamente marcado por uma tensão permanente entre dois elementos indispensáveis para a compreensão da gênese do pensamento moderno: a dualidade fé e razão.<sup>1</sup> Essa tensão aparece no contexto da produção de várias filosofias, como se o exercício filosófico deste período não pudesse prescindir dessa questão. Aliás, ainda no século XVII – o celebrado século do racionalismo europeu – poucos pensadores conseguiram fugir a esse embate que desde o fim da Renascença tornara-se motivo de polêmicas entre teólogos e filósofos,<sup>2</sup> uma vez que estava em disputa nessa questão o fato de a razão natural ser capaz de conhecer a verdade de forma autônoma ou se a revelação divina seria a única fonte de conhecimento verdadeiro<sup>3</sup>. O pensamento filosófico de Blaise Pascal<sup>4</sup> expressa o ponto de vista de uma racionalidade cristã, que, ao esboçar uma apologia da religião, procura mostrar-se como portadora de um discurso que melhor expressaria a situação humana e a condição de suas realizações, sobretudo, na busca pela verdade.<sup>5</sup>

Por um lado, Pascal é um homem de intensa vivência religiosa e, por outro, um cientista capaz de realizações significativas nas áreas da física, geometria e engenharia.<sup>6</sup> No entanto, somente quando ele decide se dedicar ao estudo do homem, a “única ciência que é própria do ser humano”, é que a filosofia irá lhe aparecer como alternativa a suas ocupações científicas.<sup>7</sup> Em Pascal, a filosofia gera um discurso antropológico,<sup>8</sup> que procura descrever a condição humana ao mesmo tempo em que não passa de mais uma realização da razão natural em busca dos “bens supremos”: a verdade e a felicidade. Desse modo, sua reflexão filosófica, em certos momentos, detém-se na compreensão da própria filosofia, no sentido de uma história das idéias<sup>9</sup> que expressam a relação do homem no mundo, situando-a como esforço da racionalidade humana diante dos desafios de responder as questões intrínsecas à condição de nossa existência como seres intermediários entre a natureza divina e a natureza animal. “O homem não é anjo nem animal” (PASCAL, 2005).<sup>10</sup> É a consciência da racionalidade, da faculdade de pensar, que situa o ser humano nessa posição de conhecer a si mesmo, de pensar sua grandeza e sua miséria. “Toda a nossa dignidade consiste pois no pensamento. É daí que temos de nos elevar, e não do espaço e da duração que não conseguiríamos preencher. Trabalhem, pois, para pensar bem: eis aí o princípio da moral.” (PASCAL, 2005).<sup>11</sup> Pascal pensa de fora da filosofia, parece primeiro analisar seus procedimentos mais peculiares, para, finalmente, realizá-la com a consciência de seu verdadeiro significado<sup>12</sup>. Alia-se a um tipo de pensamento que considera os limites e a insuficiência da razão humana ao pretender fundar em suas bases o conhecimento da verdade e entende, sobretudo, que o homem ultrapassa infinitamente o próprio homem e faz filosofia compreendendo seu caráter paradoxal e

ambíguo. Por isso, "Zombar da filosofia é verdadeiramente filosofar".<sup>13</sup>

Essa compreensão pascaliana surge como eco de uma tradição filosófica que está sendo retomada em seu tempo, a saber, o ceticismo antigo. Neste artigo, o propósito é esclarecer o sentido que Pascal atribui ao pirronismo<sup>14</sup> nos *Pensées*, bem como analisar a maneira pela qual ele retoma os argumentos pirrônicos e o uso por ele feito dessa corrente filosófica. Para isso, será necessário esboçar alguns aspectos acerca do ceticismo nas filosofias de Descartes (1596-1650) e Montaigne (1533-1592), autores que certamente estavam no horizonte de Pascal<sup>15</sup> e inseridos de algum modo nas discussões sobre o ceticismo.

### Razão cética

Em Pascal, o estudo do pirronismo e a conseqüente avaliação do uso desta corrente de pensamento nas filosofias de Descartes e de Montaigne remetem diretamente ao problema do conhecimento da verdade, uma questão privilegiada por Pascal em vários de seus escritos científicos e também filosóficos.

A própria compreensão pascaliana da filosofia já apresenta paradoxalmente as duas possibilidades em relação aos resultados do conhecimento: de um lado, os dogmáticos, que acreditam poder chegar ao conhecimento da verdade e, do outro, os pirrônicos, que suspendem o juízo e propõem a investigação permanente em busca da verdade. Desse modo, pergunta-se: como a verdade aparece em Pascal? Inicialmente, devemos considerar que Pascal distingue em três ordens a experiência do conhecimento humano. "São três ordens diferentes de gênero" (PASCAL, 2005).<sup>16</sup> São elas: o corpo (sentidos), a razão (intelecto) e a fé (sobrenatural). Cada uma dessas ordens dispõe separadamente de seus próprios critérios e meios para o conhecimento de suas próprias verdades. Isto é, há uma ruptura epistemológica entre as ordens que compõem a antropologia humana.

As diferentes possibilidades apresentadas por Pascal para chegar ao conhecimento de verdades autônomas, que são independentes no interior de cada ordem do conhecimento (dispostas em total disjunção e completa incomunicabilidade), fazem ver uma concepção de verdade que não é unívoca como pretendida por Descartes.

A verdade para Pascal possui um caráter diverso e mesmo disperso entre as ordens que constituem a existência humana.<sup>17</sup> "Todos erram tanto mais perigosamente quanto seguem uma verdade; o seu erro não está em seguirem uma falsidade, mas em não seguirem outra verdade." (PASCAL, 2005).<sup>18</sup> Devido à verdade agora dispersa, de sua não univocidade, o erro encontra-se em não admitir outra verdade ou em seguir uma e excluir as outras.<sup>19</sup>

Para Pascal, apenas quando lançamos sobre a questão da verdade

à luz do drama teológico que envolve a existência humana é que nos aparece a real situação na qual existimos: num completo vazio de comunicação com a verdade, uma vez que nossa situação exprime total quebra de elos entre Deus e mundo, entre o mundo e o homem, e o homem e Deus; ou seja, o homem vive isoladamente em um mundo que não lhe oferece segurança, certeza e verdade.

Isso significa que a existência humana como mero ser de natureza deverá ser necessariamente um fracasso. Ele é insuficiente como um ser natural e a natureza – e todas suas potencialidades – é insuficiente para contê-lo – em todos os possíveis significados desse verbo – como um dos seus (PONDÉ, 2004, p. 16).

O pirronismo aparece então aos olhos de Pascal como um índice inquestionável da insuficiência natural que abriga a existência humana dentro da natureza. Na verdade, segundo esse princípio da insuficiência o homem não cabe na natureza, ou seja, ele não consegue se situar num ponto fixo que lhe garanta certezas e verdades. Por isso, surge a compreensão pascaliana de que o pirronismo é uma “manifestação agressiva” de nossa miséria e desproporção em relação ao conhecimento da verdade, que existe apenas na ordem sobrenatural com a qual temos nenhuma comunicação. O pirronismo representa a impotência da razão, que, por princípio, é uma razão cética. E, como não poderia deixar de ser, essa “razão cética” é o sinal mais evidente do diagnóstico referente ao mau funcionamento (insuficiência) da existência humana como ser natural. Em Pascal, o natural é sinônimo de imperfeição, miséria e fracasso. Embora seja o próprio sentimento natural o mecanismo que nos oferece o conhecimento da desproporção e de nossa cegueira cognitiva em relação à verdade essencial, nos limitando a um campo restrito de verdades apenas fenomenais e possíveis dentro da ordem do corpo (sentidos), que nos condiciona a viver numa situação de insuficiência e mesmo precária em relação ao conhecimento da verdade como tal.

O fato de que a razão fracassa em ‘legitimar’ as coisas que nosso *sentiment naturel* apreende apenas revela que temos outras formas cognitivas de nos relacionarmos como o mundo e que elas são, infelizmente, disjuntivas. Para Pascal, é muito claro que o ceticismo seja um fenômeno ‘local’ que não invalida a cognição humana como um todo, mas somente revela nosso mau funcionamento geral pelo simples fato de que, apesar das ‘demonstrações’ céticas, continuamos a viver por meio de nossas (más) cognições (PONDÉ, 2004, p. 17).

A maneira como Pascal dispensa seu tratamento à questão do pirronismo, como item de demonstração da miserabilidade da condição humana, leva-nos a perceber a importância desse tema em sua reflexão, especialmente quanto ao problema da verdade. O estudo do pirronismo em Pascal nos leva a caminhos muito diversos. Isso porque não encontramos em seus escritos uma elaboração definitiva que o posicione em relação aos argumentos céticos. Ora ele aborda esse tema em relação a Descartes, buscando questionar a necessidade de fundamentação racional para o

conhecimento, ora em relação a Montaigne, analisando a descrição do homem enquanto ser irremediavelmente separado da verdade. Assim, temos pelo menos duas vias para se chegar à compreensão pascaliana da filosofia pirrônica.

Não há dúvidas de que Descartes e Montaigne sejam seus dois principais interlocutores e, neste ponto em particular, que ainda desperta controvérsia entre os comentadores, verificamos dois modelos distintos de pirronismo: de um lado, o modelo cartesiano de uso das posições pirrônicas e, por outro, o modelo montaigniano de apresentação dos argumentos ligados à tradição cética. Sendo o primeiro, com a clara intenção de refutar o ceticismo, e o segundo, com a intenção de aprofundá-lo e atualizá-lo.

### **Descartes, “incerto e inútil”**

Pascal discute o modelo do ceticismo cartesiano especialmente nos fragmentos Laf. 110<sup>20</sup> e Laf. 131<sup>21</sup>, quando avalia os argumentos citados por Descartes na *Primeira Meditação*. Nesses textos, ele situa a reflexão cartesiana, que procura fundamentar o conhecimento na razão como uma pretensão improvável e mesmo impossível de ser alcançada, pois a própria razão não pode dar certeza de si mesma, uma vez que permanece em “guerra aberta” entre dogmatismo e pirronismo;<sup>22</sup> sem segurança de si, pois não é suficiente nem mesmo para resolver esse impasse primário a respeito de sua própria natureza, a saber, se pode ou não conhecer a verdade.

Segundo os dogmáticos, é possível conhecer a verdade, pois são os defensores da tese de que “não se pode duvidar dos princípios naturais” obtidos na ordem do corpo (sentidos). E, segundo os pirrônicos, não é possível, pois defendem a posição de que a razão não pode demonstrar o conhecimento dos primeiros princípios, já que argumentos como o do sonho e do Deus enganador – a respeito de nossa origem – são invencíveis no terreno da argumentação racional. Ora, o impasse está colocado e não será a mesma razão, em conflito permanente, suficiente para decidir entre um e outro.

Nesse sentido, a pretensão cartesiana está condenada ao fracasso. Ainda mais que, como bem percebe Pascal, a utilização das posições pirrônicas em Descartes segue um princípio meramente formal e metodológico que tem como objetivo limpar o terreno para o surgimento do *cogito*. Também essa pretensão cartesiana é frustrada, uma vez que Pascal aponta para esse modelo de pirronismo pretendido por Descartes como um “pirronismo impuro”, que vai encaminhar o raciocínio cético a se decidir por uma conclusão dogmática, o que estaria fora da lógica pirrônica de suspensão do juízo. Além disso, a dúvida hiperbólica consumada no texto cartesiano pelo argumento do Deus enganador prenuncia muito mais um dogmatismo negativo, à moda dos céticos acadêmicos, negando qualquer acesso ao conhecimento, do que propriamente um pirronismo clássico em

sua gloriosa *epoché*. Também por essa razão, o pirronismo que Pascal identifica em Descartes não passa de um pirronismo impuro que não segue aos princípios da filosofia pirrônica.

Aos olhos de Pascal, Descartes “incerto e inútil” fracassa em sua pretensão de fundamentar o conhecimento na razão, bem como em sua intenção de refutar o pirronismo fazendo uso dos próprios argumentos da tradição pirrônica. Na verdade, como dissemos anteriormente, o pirronismo de Descartes é um pirronismo impuro, por conceber um dogmatismo negativo muito mais próximo ao ceticismo acadêmico que propriamente do pirronismo, já que ao ordenar os argumentos da tradição cética evita sua conclusão lógica, que seria a suspensão do juízo. Somente depois de negar todo conhecimento poderá concluir a verdade inquestionável do *cogito* que se impõe ante a dúvida. Se duvido penso, se penso existo. Como podemos observar, Descartes deixa de fora a principal proposição do pirronismo, a saber, a suspensão do juízo.

A filosofia cartesiana compreendida por Pascal procurava fundamentar a experiência humana do conhecimento exclusivamente na razão, como se ela fosse dotada de certa capacidade absoluta de construir um método correto (com base na matemática), pelo qual seria possível o acesso à verdade e que, por esta razão, afirmaria uma racionalidade positiva, segura de si mesma, acaba por oferecer à crítica pascaliana a oportunidade de, ao analisar especialmente o uso dos argumentos céticos na *Primeira Meditação*, denunciar a pretensão cartesiana e seu pirronismo impuro que se mostra, em primeiro lugar, pelo uso das posições pirrônicas de modo sistemático e metodológico, com a finalidade de gerar a partir da dúvida radical a primeira verdade indubitável: a de que duvido e penso; deixando de fora a suspensão do juízo, procedimento principal da filosofia pirrônica.

Em seguida, Pascal critica a pretensão cartesiana de construir uma apreensão unívoca da verdade, através da razão. “Nada existe tão conforme à razão quanto desmentir a razão” (PASCAL, 2005).<sup>25</sup> “Dois excessos: excluir a razão, não admitir senão a razão” (PASCAL, 2005).<sup>6</sup> Sobre esta questão, Pascal objeta que a verdade possui um caráter mais dinâmico, não estando disponível somente à razão e, por isso, seria de caráter diverso bem como a própria condição do ser humano, caracterizada pelo paradoxo, pela ambigüidade e pelas contraditoriedades.

### **Montaigne, “pirrônico puro”**

Pascal mostra outro modelo de pirronismo que estaria em um nível mais elevado de elaboração lógica e especialmente disposto numa descrição da miserabilidade humana, por isso, representante de um “pirronismo puro”, que é o caso de Montaigne na “Apologia de Raymond Sebond”. Na *Entretien avec Sacy*, Pascal faz ver um Montaigne como o máximo representante da seita dos pirrônicos, ou seja, aquele responsável por promover a filosofia

cética por meio de uma abordagem consistente e convincente. “Quem quiser se esclarecer mais longamente sobre o pironismo, veja os seus livros. Ficar logo persuadido, e talvez demais” (PASCAL, 2005).<sup>23</sup>

Pascal parece impressionado com a argumentação caracteristicamente pirrônica que ele encontra em Montaigne. Especialmente a figura retórica da antítese que é utilizada na promoção da *isosthéneia* (força igual entre os argumentos), que ganha sob a pena de Pascal uma interpretação particular. Ele elabora, ao expor na *Entretien*, o dogmatismo da doutrina de Epíteto e o pironismo da doutrina de Montaigne, uma *isosthéneia* de modo a equilibrar, não tese e antítese, dogmatismo e dogmatismo negativo, como na tradicional *isosthéneia* dos céticos. Mas equilibra em sua leitura o dogmatismo e o próprio ceticismo da suspensão do juízo, consagrando o pironismo puro de Montaigne, e, mais uma vez, rejeitando o pironismo impuro (dogmatismo negativo) de Descartes. Fato que consequentemente leva o raciocínio pascaliano ao encontro de uma razão predominantemente cética sem fundamento em si mesma, uma vez que mantém num dos pólos de sua *isosthéneia* um elemento de dúvida permanente, mostrando uma indecidibilidade constitutiva da razão humana, incapaz de garantir por si mesma os fundamentos para o conhecimento. Trata-se, assim, de uma posição altamente original diante do ceticismo, que reflete uma meditação profunda e madura.

A antítese, no caso de Pascal, não supõe apenas termos contrários ou idéias opostas, mas o próprio mecanismo de funcionamento da razão em procura da verdade, ou melhor, é a própria verdade que se expressaria de maneira antitética. A antítese não é um simples procedimento literário ou mera peça da oratória, mas sim um meio de expressão adequada do verdadeiro e, por conseguinte, expressão da própria condição humana.<sup>24</sup>

É possível mesmo afirmar que, em Pascal, a antítese, mais que uma figura de retórica, adquire valor teórico e filosófico próprio, quase como arma de combate contra aqueles que procuram apresentar a verdade de maneira unívoca, desconsiderando o caráter diverso pelo qual o ser humano tem acesso à verdade que se lhe apresenta. Pascal prefere manter através da antítese essa característica binária de oposição brutal à descrição do verdadeiro, do que simplesmente lançar de uma manifestação única e definitiva sobre a questão da verdade. Por conta disso, é justo observar que a antítese não tem como objetivo promover um dos dois lados dos elementos em questão, como se procurasse afirmar um em detrimento do outro, pelo contrário, a antítese em Pascal diz tanto de um quanto o outro. A opção antitética exclui nenhum elemento em questão, pois, na verdade, a intenção é promover a igualdade dos dois elementos, que, mesmo sendo contrários, marcam de modo preciso a descrição do verdadeiro. Um exemplo desse procedimento tipicamente pascaliano é o fragmento Laf. 131: “Que espécie de quimera é então o homem? Que novidade, que monstro, que caos, que fonte de contrariedades, que prodígio? Juiz de todas as coisas, verme imbecil, depositário da verdade, cloaca de incerteza e erro, glória e escória do universo”

(PASCAL, 2005).

Nessa clássica descrição pascaliana da situação do ser humano, o valor da antítese não se restringe meramente à retórica, pois não há a intenção de anular um elemento pelo outro ou, mesmo que haja uma hierarquia entre os elementos, pelo contrário, o objetivo de Pascal é mostrar o ser humano como esse campo fértil para as contradições e paradoxos. Assim, o que se pretende é afirmar as oposições que caracterizam o ser humano, um ser que só poderia comunicar a verdade de maneira paradoxal, pois essa seria, afinal, uma demonstração da própria duplicidade que marca a antropologia humana, segundo Pascal.

As antíteses têm a função, sob a pena de Pascal, de dizer que o homem é tudo isso: juiz de tudo/imbecil verme da terra, depositário da verdade/cloaca de incerteza e erro, glória/escória. E não que seja mais escória do que glória ou mais glória do que escória. A dualidade deve ser mantida, não resolvida pela antítese em um dos dois termos opostos, contudo, deve mostrar a contradição da própria natureza humana, na qual os elementos antitéticos se equilibram e se correspondem exatamente. Ou seja, com o uso das antíteses Pascal procura mostrar que o ser humano é um ser paradoxal e ambíguo, característica que se estende desde a linguagem até a possibilidade de conhecer e comunicar a verdade. Em razão dessa duplicidade que Pascal mantém acerca do ser humano e da maneira como este apreenderia e comunicaria a verdade, o estudo das filosofias de Descartes e Montaigne, à luz da questão do pirronismo, mostra um Pascal sensível a duas propostas que lhe são contemporâneas, obrigando-o a pensar os debates filosóficos entre dogmáticos e pirrônicos, ao mesmo tempo em que reflete sobre a condição humana e a possibilidade de alcançarmos qualquer conhecimento verdadeiro.

Em Montaigne, Pascal percebe um esforço solitário da razão em situar o ser humano diante da natureza. Encontra a pergunta: quem é o homem? Quanto a esse questionamento, Pascal elogia Montaigne pela sua descrição do ser humano como desproporcionalmente radicado na finitude num universo rodeado de infinitos. Ainda em Montaigne, Pascal destaca a miserabilidade do ser humano, sua insuficiência em conhecer a verdade e a fragilidade da razão que é rebaixada ao nível de uma faculdade humana das mais ordinárias. Não significando, como para Descartes, o fundamento da experiência humano do conhecimento.

Pascal percebe em Montaigne um legítimo representante da filosofia pirrônica, um verdadeiro pirrônico puro que o possibilita desenvolver o tema da razão cética, ou seja, a consciência de que a razão não é suficiente para demonstrar qualquer índice acerca do conhecimento da verdade, por isso, fica limitada ao conhecimento de sua própria insuficiência e miserabilidade.

## Considerações finais

Tanto Descartes, no desenvolvimento do seu pirronismo impuro, quanto Montaigne, na elaboração do seu puro pirronismo, serviram à crítica pascaliana da razão em busca de compreender a si mesma, a própria situação humana e as possibilidades para o conhecimento. Nesta perspectiva crítica, pouco desenvolvida num século de crenças tão positivas no poder da razão e da nova ciência, Pascal desloca-se ao terreno do anti-humanismo<sup>27</sup> e não compartilha com Descartes esta crença de uma razão segura de si mesma, nem com Montaigne esta apreensão do ser humano exclusivamente pela razão.

Por isso, propõe-se ir além dos dois pensadores. Além de Descartes, quando propõe uma ciência experimental que busque verdades apenas fenomenais e não essenciais, ou seja, o uso de uma racionalidade mais modesta e, por isso, condizente com a situação diversa do ser humano (corpo, intelecto e sobrenatural) e a conseqüente diversidade da verdade. E além de Montaigne, quando procura não reduzir o homem apenas à sua natureza, mantendo a possibilidade de encará-lo também como ser de transcendência. Ou seja, o homem é miséria e grandeza, mesmo que sua grandeza esteja em reconhecer-se miserável.

## Notas

1 “As relações entre fé e razão são uma questão primordial e fundamental no projeto que fascina o pensamento de Pascal [...]” (Cf. GOUHIER, H., 2005, p. 257).

2 O exemplo mais notável é o da contra-reforma católica, com destaque para Erasmo de Rotterdam e a polêmica contra Lutero na questão do critério de interpretação bíblica. Entre 1520 a 1524, Erasmo escreve *De Libero Arbitrio* e o *Elogio da Loucura*, atacando abertamente as teses defendidas por Lutero no Manifesto à nobreza alemã e *A igreja no cativo da Babilônia* (1520), que em 1525 responde diretamente a Erasmo no seu *De Servo Arbitrio*. Está em discussão nesta polêmica a capacidade da razão natural para chegar ao conhecimento de verdades religiosas sem o auxílio da tradição da Igreja, mas apenas pela maneira que a própria Escritura as produziria na consciência individual.

3 A obra *De la Sagesse* (1601), de Pierre Charron, pode ser considerada um manifesto (inspirado nos cétricos acadêmicos) que defende a autonomia e a liberdade intelectual – sabedoria humana – em relação à sabedoria divina (revelação). Pascal foi um leitor dedicado das obras de Charron, percebendo em seus livros essa necessidade de se posicionar ante a tensão fé e razão.

4 Gouhier, em nota final à obra *Blaise Pascal: conversão e apologética*, apresenta interessante interpretação acerca da classificação do pensamento pascaliano: “[...] é perfeitamente legítimo extrair ‘filosofia de Pascal’ de um conteúdo teológico em que ela se mistura com a doutrina dita ‘jansenista’ da graça. Não é menos legítimo destacar uma ‘filosofia de Pascal’ de um contexto apologético em que certamente

os filósofos estão em questão, mas para constatar o malogro deles no conhecimento de Deus e de si mesmos.” (2005, p. 329).

5 O trabalho de Ivonil Parraz apresentado como tese de doutoramento *Ciência e Teologia nos caminhos de Pascal* é um estudo acerca desta característica marcante no pensamento pascaliano, a saber: o embate entre fé e razão, teologia e ciência. Parraz considera que existe na reflexão pascaliana, senão uma comunicação direta entre teologia e ciência, ao menos uma contigüidade que possibilita a existência de uma prática científica caminhando juntamente com a teologia cristã, sem que uma sirva de entrave à outra.

6 Os mais importantes experimentos de Pascal são: na geometria, o seu Ensaio sobre cônicas (1639), origem da geometria projetiva e do cálculo do infinito; na engenharia, entre 1642 e 1644, após árduo trabalho, anuncia a fabricação da máquina de calcular; na física, realiza na cidade de Rouen (1646-1647), a importante experiência do vácuo e descobre o Princípio da Prensa Hidráulica (ATTALI, 2003).

7 “Eu havia passado muito tempo no estudo das ciências abstratas e a pouca comunicação que se consegue ter me havia desgostado delas. Quando comecei o estudo do homem, vi que aquelas ciências abstratas não são próprias ao homem, e que eu me apartava mais da minha condição penetrando nelas do que outros ignorando-as. Perdoei aos outros por saberem tão pouco a respeito, mas acreditei que iria encontrar pelo menos muitos companheiros no estudo do homem, que é o verdadeiro estudo que nos é próprio. Estava enganado. Há ainda menos gente que o estuda do que a geometria. Não é senão por falta de saber estudar isso que se procura o resto. Mas não é verdade que ainda não é a ciência que o homem deve ter, e que é melhor para ele ignorar-se para ser feliz?” Laf. 687 (144).

8 Goldmann, ao comentar o pensamento filosófico de Pascal: “Le principal objet de toute pensée philosophique est l’homme, as conscience et son comportement. A la limite, toute philosophie est une anthropologie.” (1955, p. 16).

9 Cf. Gouhier sobre Pascal e filosofia: “como eles (os filósofos) poderiam estar ausentes numa apologética que se dirige aos leitores cultivados, uns tentados pelo estoicismo de Epiteto e Sêneca, outros pela sabedoria, segundo Montaigne e Charron, alguns pelas novas filosofias, a de Descartes em especialmente? Porém, estarão lá apenas para ilustrar o malogro radical e irremediável dos filósofos na busca do Bem verdadeiramente soberano.” (2005, p. 258-259).

10 Cf. Laf. 678 (358).

11 Cf. Laf. 200 (347).

12 Cf. SCHOLAR (2003, p. 57): Pascal pretende “traçar uma linha, abrir passagem, entre a filosofia do homem sem Deus e a verdade divina.” [...] *tracer une ligne, à se frayer un passage, entre la philosophie de l’homme sans Dieu et la vérité divine.*)

13 Laf. 513 (4). A fonte é a recente tradução dos *Pensées* organizada pela Martins Fontes (SP, 2005) a partir da edição de Louis Lafuma, importante estudioso do pensamento de Pascal, que organizou os fragmentos que compõem esta obra de modo mais fiel ao que Pascal deixou. É esta tradução que o leitor deverá ter em mente ao encontrar as citações do texto pascaliano no corpo deste trabalho. Para identificá-las, usaremos o número do fragmento na edição Lafuma, designada pela

abreviação Laf. e, em seguida, o número entre parênteses indicará o fragmento na edição Brunschvicg. Esta última encontra-se na coleção “Os pensadores”, da Abril Cultural.

14 O termo “pirronismo” tem um sentido peculiar em Pascal. Em linhas gerais, designa toda forma de ceticismo. Mais adiante apresentaremos quatro possíveis sentidos para o termo “pirronismo” sob a pena de Pascal.

15 É nenhuma novidade esta aproximação entre Pascal, Descartes e Montaigne, na verdade, como mostraremos no decorrer deste texto, Pascal é um leitor atento das obras de Montaigne e de Descartes, ao ponto de elegê-los interlocutores na discussão de um tema filosófico em destaque na época, a saber, o ceticismo.

16 Cf. Laf. 308 (793).

17 “Vemos assim que Pascal rompe com a idéia de univocidade – esta existe só no Divino, terceira ordem divina, o homem é o ser equívoco por excelência – na metafísica: não há passagem de uma ordem a outra por meio de um parâmetro unívoco que organizaria o sistema. Trata-se de um *exílio ontológico*: três ordens distintas com objetos distintos, critérios distintos, logo, heterogeneidade ontológica.” (PONDÉ, 2001, p. 40).

18 Cf. Laf. 443.

19 Em seu trabalho *Conhecimento na Desgraça: ensaio de epistemologia pascaliana*, Pondé desenvolve a hipótese das três ordens do conhecimento em Pascal, mostrando que, sobretudo, essa perspectiva se sustenta diante de um drama teológico vivido pelo homem sem Deus: “Assim, quando alguém estabelece um diálogo com Pascal deve ter em mente o fato de que esta relação atingirá dimensões teológicas, isto é, o homem é um ser sobrenatural, o que implica diretamente a seguinte idéia: lidar com problemas humanos, segundo Pascal, significa abandonar as fronteiras naturais. Para Pascal, antropologia e epistemologia são *simplesmente* áreas específicas dentro de um *drama* teológico geral.” (PONDÉ, 2004, p. 14).

20 “Conhecemos a verdade não apenas pela razão, mas também pelo coração. É desta última maneira que conhecemos os primeiros princípios, e é em vão que o raciocínio, que não toma parte nisso, tenta combatê-los. Os pirrônicos, que só toma isso como objeto, trabalham inutilmente nesse sentido.”

21 “As principais forças dos pirrônicos, deixo de lado as menores, provêm de que não temos nenhuma certeza da verdade desses princípios (...), senão o fato de que os sentimos naturalmente em nós.”

22 “Eis a guerra aberta entre os homens, na qual é necessário que cada um tome partido e se coloque necessariamente ou nas fileiras do dogmatismo, ou nas do pirronismo.” [Laf. 131 (434)].

23 Cf. Laf. 131

24 Esta tese de interpretação do uso da antítese e da *isosthéneia* em Pascal é sugerida no artigo *Antithèse et Isosthénie chez Pascal*, de Bernard Sève (1995). No qual o autor desenvolve essa maneira peculiar de Pascal entender que a razão expressaria o verdadeiro de modo antitético, uma vez que diante da indecidibilidade

promovida pela isostheneia, a razão continua a produzir teses e antíteses (quase à maneira de Hegel) para dar conta de examinar e comunicar os diferentes instantes da reflexão. Ou seja, a razão nunca conclui o verdadeiro, já que a verdade só pode ser expressa na antítese.

25 Cf. Laf. 182 (272).

26 Cf. Laf. 183 (253).

27 "... enquanto o projeto cartesiano tem como *telos* e base metafísica um método que é independente dos seus objetos e que retira o contingente do universo da ciência, Pascal se faz pensador do contingente: seu 'método' é imerso nele, afirmando-o. Enquanto o pensamento de Descartes, à luz de nosso percurso, poderia ser assimilado a um projeto racionalista humanista que crê em algum tipo razoável de suficiência epistemológica do homem, Pascal parte de seu conceito antropológico – e ontológico – de insuficiência." (PONDE, 2001, p. 40).

**Artigo recebido e aprovado em abril de 2008.**

### **Referências**

- ATALLI, J. *Blaise Pascal ou o gênio francês*. Bauru, EDUSC, 2003.
- DESCARTES, R. *Meditações metafísicas*. São Paulo, Martins Fontes, 2000.
- GOLDMANN, L. *Le Dieu Caché*. Paris, Editions Gallimard, 1955.
- GOUHIER, H. *Blaise Pascal: conversão e apologética*. São Paulo, Discurso Editorial/Paulus, 2006.
- MONTAIGNE, M. *Ensaio*. São Paulo, Martins Fontes, 2002. v. II.
- PASCAL, B. *Pensamentos*. São Paulo, Martins Fontes, 2005.
- PONDÉ, L.F. *Conhecimento na desgraça: ensaio de epistemologia pascaliana*. São Paulo, EDUSP, 2004.
- \_\_\_\_\_. *O Homem Insuficiente*. São Paulo, EDUSP, 2001.
- SCHOLAR, R. Lecture de Richard Scholar. In: PASCAL, B. *Entretien avec sacy sur la philosophie*. (Extrait des *Mémoires* de Fontaine). Paris, Actes Sud, 2003.